Revista Eletrônica
Acervo Saúde
Electronic Journal Collection Health ISSN 2178-2091

Automedicação com psicofármacos em alunos de cursinho preparatório para o ENEM em Goiânia-GO

Self-medication with psychotropic drugs among students attending ENEM preparatory courses in Goiânia-GO

Automedicación con psicofármacos en estudiantes de cursos de preparación para el ENEM en Goiânia-GO

Maria Eduarda Campos Romano Palhares Morais[1], Arthur Damaceno Camargo Costa[1], Guilherme Mohn Dirceu[1], João Tsuyoshi Telles Mizuno[1], Lucas Fernando Costa Camelo[1], Adriane Ferreira de Brito[1].

RESUMO

Objetivo: Avaliar a prevalência da automedicação com psicofármacos entre os alunos de cursinhos preparatórios para o ENEM em Goiânia - GO. **Métodos:** Trata-se de um estudo transversal analítico, com aplicação de um questionário online a 94 estudantes de um cursinho privado (nos formatos presencial e online). **Resultados:** Os dados mostraram que 51,1% (48/94) dos alunos relataram o uso de psicofármacos sem prescrição médica. As classes mais utilizadas foram os ansiolíticos com 52,2% (36/69) e os psicoestimulantes com 39,1% (27/69), sendo a ansiedade a condição mais frequentemente relatada. A maioria dos participantes, representado por 73,4% (69/94) pretendia ingressar no curso de Medicina. Constatou-se que, apesar de 73,4% (69/94) dos estudantes afirmarem ter conhecimento sobre os riscos da automedicação, o uso indiscriminado persiste em 51,1% (48/94) dos estudantes. **Conclusão:** Conclui-se que a automedicação com psicofármacos é um problema preocupante entre estudantes pré-universitários, revelando a necessidade de ações educativas e políticas públicas voltadas à promoção do uso racional de medicamentos para esse público-alvo.

Palavras-chave: Estudantes, Uso racional de medicamentos, Psicofarmacologia.

ABSTRACT

Objective: To evaluate the prevalence of self-medication with psychotropic drugs among students attending preparatory courses for the ENEM in Goiânia, Brazil. **Methods:** This is an analytical cross-sectional study, using an online questionnaire applied to 94 students from a private preparatory course (both in-person and online formats). **Results:** The data showed that 51.1% (48/94) of the students reported using psychotropic drugs without a medical prescription. The most commonly used classes were anxiolytics (52.2%, 36/69) and psychostimulants (39.1%, 27/69), with anxiety being the most frequently reported condition. The majority of participants (73.4%, 69/94) intended to pursue a degree in Medicine. It was observed that, despite 73.4% (69/94) of students reporting awareness of the risks of self-medication, indiscriminate use persisted in 51.1% (48/94) of the students. **Conclusion:** Self-medication with psychotropic drugs is a concerning issue among pre-university students, highlighting the need for educational actions and public policies aimed at promoting the rational use of medications in this population.

Keywords: Students, Rational use of drugs, Psychopharmacology.

[1] Universidade Evangélica de Goiás (UNIEVANGÉLICA), Anápolis – GO.

SUBMETIDO EM: 11/2025 | **ACEITO EM: 12/2025** | **PUBLICADO EM: 3/2026**

RESUMEN

Objetivo: Evaluar la prevalencia de la automedicación con psicofármacos entre los estudiantes de cursos preparatorios para el ENEM en Goiânia, GO. **Métodos:** Se trata de un estudio transversal analítico, con la aplicación de un cuestionario en línea a 94 estudiantes de un curso preparatorio privado (en formatos presencial y en línea). **Resultados:** Los datos mostraron que el 51,1% (48/94) de los estudiantes reportaron el uso de psicofármacos sin prescripción médica. Las clases más utilizadas fueron los ansiolíticos con un 52,2% (36/69) y los psicoestimulantes con un 39,1% (27/69), siendo la ansiedad la condición más frecuentemente reportada. La mayoría de los participantes, representando el 73,4% (69/94), tenía la intención de ingresar en la carrera de Medicina. Se constató que, a pesar de que el 73,4% (69/94) de los estudiantes afirmaron tener conocimiento sobre los riesgos de la automedicación, el uso indiscriminado persiste en el 51,1% (48/94) de los estudiantes. **Conclusión:** Se concluye que la automedicación con psicofármacos es un problema preocupante entre los estudiantes preuniversitarios, evidenciando la necesidad de acciones educativas y políticas públicas orientadas a la promoción del uso racional de medicamentos en este público objetivo.

Palabras clave: Estudiantes, Uso racional de medicamentos, Psicofarmacología.

INTRODUÇÃO

A automedicação é definida como o uso de medicamentos sem prescrição de um profissional habilitado, com a finalidade de proporcionar alívio imediato a sintomas percebidos pelo indivíduo. Apesar de ser uma prática antiga, sua frequência tem aumentado nas primeiras décadas do século XXI (GARCIA AL, et al., 2018).

Um estudo realizado pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), em parceria com o Instituto Datafolha, demonstrou que, em 2019, 77% dos brasileiros utilizaram medicamentos sem prescrição nos seis meses anteriores à pesquisa, sendo que 47% recorriam à automedicação pelo menos uma vez ao mês e 25% diariamente ou semanalmente (CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA, 2022).

O uso de medicamentos sem prescrição apresenta diversos riscos à saúde, incluindo danos a aspectos físicos, psicológicos e até financeiros, redução da qualidade de vida, e em casos mais sérios, hospitalizações e mortes (ALGARNI M, et al., 2021). A prática está associada à tentativa de aliviar rapidamente um problema percebido, influências familiares ou sociais, disponibilidade de estoques domésticos de medicamentos e falta de consulta a informações farmacodinâmicas e farmacocinéticas (BATISTA JA, et al., 2021; DOMINGUES PH, et al., 2017).

Entre os medicamentos de maior preocupação está a categoria dos psicofármacos, cujo uso indiscriminado constitui um importante problema de saúde pública, sobretudo entre jovens. Evidências internacionais mostram que o consumo inadequado desses fármacos está associado a maior risco de dependência, efeitos adversos graves e impactos funcionais significativos, além de contribuir para a crescente sobrecarga dos serviços de saúde mental (CORRELL CU, 2020; OLFSON M, et al., 2020).

Os benzodiazepínicos, em especial, são amplamente reconhecidos por seu potencial de causar tolerância, dependência física e alterações psicomotoras e cognitivas, mesmo quando utilizados dentro das recomendações clínicas. Diretrizes recentes destacam que seu uso deve ser restrito a curtos períodos e cuidadosamente monitorado devido ao risco elevado de abuso e descontinuação difícil (NATIONAL INSTITUTE FOR HEALTH AND CARE EXCELLENCE, 2020).

No cenário epidemiológico, tanto internacional quanto nacional, observa-se um aumento significativo do uso inadequado de psicofármacos entre jovens, principalmente em ambientes de intensa competitividade acadêmica. Nos Estados Unidos, dados do estudo nacional *Monitoring the Future* (2020) mostram que cerca de 11% dos estudantes do ensino médio relataram o uso sem prescrição médica de estimulantes para melhorar o rendimento escolar. Enquanto na Europa o projeto ESPAD identificou, em 2019, prevalências

entre 6% e 14% de automedicação com ansiolíticos e antidepressivos entre estudantes, influenciadas por desafios emocionais, facilidade de acesso aos medicamentos e pressão acadêmica.

No Brasil, a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) apontou crescimento da automedicação com psicofármacos entre jovens de 15 a 24 anos, no ano de 2019, destacando o uso de benzodiazepínicos e antidepressivos, e estudos nacionais demonstram que de 5% a 12% dos estudantes do ensino médio e de cursinhos pré-vestibulares fazem a prática da automedicação. Esse conjunto de evidências confirma que a automedicação com psicofármacos constitui um problema amplamente distribuído em diferentes países e de grande relevância no contexto brasileiro.

A população jovem apresenta maior vulnerabilidade emocional e está exposta a riscos relevantes relacionados ao uso inadequado de psicofármacos. Evidências internacionais mostram que alterações no padrão de prescrição de antidepressivos entre adolescentes e adultos jovens estão associadas a repercussões clínicas importantes, incluindo maior risco de desfechos adversos quando utilizados sem acompanhamento adequado (MARS B, et al., 2018).

Esse cenário reforça que, diante do aumento de transtornos como ansiedade e depressão, muitos jovens recorrem aos psicofármacos de forma inadequada, buscando alívio rápido de sintomas ou melhora do desempenho acadêmico. Além disso, o uso não médico de psicoestimulantes entre estudantes é frequente, sobretudo em ambientes competitivos. Pesquisas mostram que metilfenidato e anfetaminas são usados para aumentar o foco e desempenho, mas estão associados a efeitos adversos importantes, como insônia, taquicardia, ansiedade e risco de uso problemático (WILENS TE, et al., 2018).

Estudantes em preparação para exames competitivos, como o ENEM, frequentemente vivenciam níveis elevados de estresse, pressão familiar e acadêmica, além de expectativas intensas de desempenho. Esses fatores estão diretamente associados ao aumento de sintomas de ansiedade, depressão, exaustão emocional e até isolamento social, conforme evidenciado por revisões sistemáticas envolvendo populações jovens em ambientes educacionais de alta exigência (PASCOE MC, et al., 2020).

Em decorrência disso, o uso de fármacos como ansiolíticos, antidepressivos e psicoestimulantes tem se intensificado, muitas vezes sem supervisão médica, o que leva a risco de efeitos adversos e de desenvolvimento de tolerância e dependência- fenômenos bem descritos na literatura farmacológica clássica (DE MORAES FM, et al., 2019; GOODMAN & GILMAN, 2018).

Dentre os psicofármacos mais utilizados, os ansiolíticos atuam principalmente sobre os receptores GABA-A, promovendo relaxamento e redução da ansiedade. No entanto, seu uso está associado a efeitos adversos importantes, como sedação, prejuízo psicomotor, desenvolvimento de tolerância e risco de dependência, conforme amplamente descrito na literatura farmacológica clássica (ABREU VSM, et al., 2022; GOODMAN & GILMAN, 2018).

Os antidepressivos, especialmente os inibidores seletivos da recaptação de serotonina (ISRSs) e os inibidores da recaptação de serotonina e noradrenalina (IRSNs), são recomendados como terapias farmacológicas de primeira linha para transtornos de ansiedade, de acordo com diretrizes internacionais. Além da eficácia, uma diretriz internacional destaca a possibilidade de efeitos adversos como insônia, náuseas, tontura e agitação, reforçando a necessidade de acompanhamento clínico adequado (HILAL-DANDAN R e BRUNTON L, 2015; NATIONAL INSTITUTE FOR HEALTH AND CARE EXCELLENCE, 2020).

Os antipsicóticos, utilizados em transtornos graves como esquizofrenia e transtorno bipolar, apresentam riscos relevantes, como ganho de peso, alterações metabólicas e efeitos cardiovasculares, o que exige monitorização regular (CORRELL CU, 2020).

Já os psicoestimulantes, como metilfenidato e lisdexanfetamina, embora aumentem atenção e motivação, estão associados a taquicardia, hipertensão, insônia, perda de apetite e alterações comportamentais (MORGAN HL, et al., 2017; NASARIO BR e MATOS MPP, 2022).

Diante deste cenário, a prevalência da automedicação com psicofármacos entre jovens configura um relevante problema de saúde pública, agravado pelo ambiente acadêmico competitivo e pelo fácil acesso a esses medicamentos. Assim, estratégias educativas e políticas públicas são fundamentais para promover o uso consciente e seguro de psicofármacos entre estudantes pré-vestibulares. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo descrever o perfil sociodemográfico, identificar as classes de psicofármacos mais utilizadas, analisar a relação com diagnósticos prévios e registrar os efeitos adversos autorreferidos por estudantes de cursinhos preparatórios para o ENEM em Goiânia-GO.

MÉTODOS

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo transversal analítico, de pesquisa de campo, com abordagem quantitativa. A pesquisa foi realizada com estudantes de um cursinho preparatório para o ENEM em Goiânia, Goiás, incluindo alunos no formato online e presencial.

População e amostra

A população foi estimada em 400 estudantes, sendo 100 presenciais e 300 online, regularmente matriculados no primeiro semestre de 2025. A amostra foi por conveniência, sem cálculo amostral, considerando a praticidade e a acessibilidade dos participantes, além da rotatividade dos alunos nos cursinhos e por terem alunos em dois formatos de estudo, sendo online e presencial, o que dificulta o cálculo do “n” amostral. Considerando a amostra obtida satisfatoriamente para atender ao objetivo exploratório do estudo, ainda que não representasse a população total.

Critérios de inclusão

Foram incluídos os alunos matriculados na respectiva instituição de estudo, seja no modo on-line ou presencial, com mínimo de 18 anos nos dias da aplicação do questionário. Ademais, cada participante respondeu a pesquisa através de link do Google Forms, onde era necessário concordar com os termos do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE).

Critérios de exclusão

Alunos que não aceitaram participar da pesquisa e questionários respondidos de forma incompleta e/ou que não respondessem a algumas perguntas obrigatórias identificadas.

Coleta de dados

Os dados foram coletados entre fevereiro e junho de 2025, por meio de questionário online (Google Forms), disponibilizado através de um link e aplicado com autorização da direção pedagógica, inclusive contando com o apoio da direção pedagógica na disponibilização do endereço online, enviando nos grupos de sala de ambas as modalidades, que levaria ao questionário para ser respondido. Assim, encontra-se uma limitação na coleta de dados, visto que as respostas são autorreferidas e o questionário foi criado pelos próprios autores do presente estudo.

O instrumento de coleta abordou informações sociodemográficas, uso de psicofármacos (classe, tempo de uso, meio de obtenção) e efeitos adversos autorreferidos. Foi assegurada a confidencialidade e a privacidade dos dados pessoais e que esses não serão em hipótese alguma divulgados e/ou identificados, garantindo, assim, a segurança e preservando a imagem dos alunos que responderam à pesquisa.

Além disso, observa-se alguns potenciais vieses, como a possibilidade de viés de memória, visto que os dados sobre o os efeitos adversos e/ou efeitos, foram coletados por autorrelato retrospectivo. Embora tenhamos mitigado este risco utilizando questionários claros e objetivos, além de um período de referência curto, reconhecemos que essa limitação pode ter introduzido imprecisão na medição do consumo. Consequentemente, a força da associação observada deve ser interpretada com cautela. Ademais, o viés residual e limitações do estudo, serão discutidos e apresentados ao decorrer do presente estudo.

Análise de dados

As informações foram organizadas em planilhas no Microsoft Excel®, contribuindo com tabulações e análises de forma descritiva. Foram empregadas medidas de frequências absolutas (n) e relativas (%), apresentadas em tabelas, elaboradas pelo próprio programa, a fim de proporcionar melhor visualização e interpretação dos resultados. Considerando os dados adquiridos através do questionário disponibilizado aos alunos de forma online, através de um link na plataforma Google Forms.

Aspectos éticos

O presente estudo foi conduzido, respeitando todas as normas técnicas de acordo com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, sobre pesquisas envolvendo seres humanos e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UniEvangélica com o parecer favorável número 7.413.934 e CAAE número 84492924.3.0000.5076.

RESULTADOS

A análise detalhada das tabelas permite identificar padrões importantes no perfil dos estudantes que utilizam psicofármacos. Participaram do estudo 94 estudantes, distribuídos entre as modalidades online e presencial, dos quais 51,1% (48/94) relataram uso de psicofármacos. A faixa etária dos participantes variou entre 18 e 24 anos, predominando o sexo feminino (52,1%; 49/94). Na **Tabela 1**, observa-se que o uso dessas substâncias é distribuído de maneira relativamente equilibrada entre os sexos, embora haja discreto predomínio no sexo feminino. Apesar disso, nota-se que tanto homens quanto mulheres apresentam níveis elevados de conhecimento sobre os riscos da automedicação, o que reforça a discrepância entre saber e prática.

Tabela 1 - Prevalência de uso de psicofármacos e nível de conhecimento sobre automedicação por sexo em estudantes de cursinho preparatório para ENEM (n = 94), Goiânia-GO, 2025/1.

	Feminino (n)	Masculino (n)	Total n (%)
Uso de Psicofármacos			
Sim	31	17	48 (51,1)
Não	18	28	46 (48,9)
Total	49	45	94 (100)
Nível de conhecimento sobre as consequências da automedicação			
Sim	41	28	69 (90,8)
Não	5	2	7 (9,2)
Total	46	30	76 (100)

Fonte: Palhares Morais MECR, et al., 2026.

Entre os usuários de psicofármacos, a classe mais utilizada foi a dos ansiolíticos (n = 36), seguida pelos psicoestimulantes (n = 27) e antidepressivos (n = 26), enquanto os antipsicóticos foram relatados com menor frequência (n = 4) (**Tabela 2**). Evidencia-se que os ansiolíticos representam a classe de medicamentos mais frequentemente utilizada, e que a maioria dos usuários dessa classe possui diagnóstico prévio, sugerindo um uso inicialmente orientado, mas que pode ter evoluído para práticas de automedicação. Os psicoestimulantes, por sua vez, apresentam proporção mais equilibrada entre estudantes com e sem diagnóstico prévio, indicando maior potencial de uso com fins de desempenho.

Tabela 2 - Classe de psicofármacos utilizados e proporção de estudantes com e sem diagnóstico prévio (n = 63) — cursinho do ENEM, Goiânia-GO, 2025/1.

Classe de medicamento	n	Com diagnóstico prévio % (n)	Sem diagnóstico prévio % (n)
Ansiolíticos	36	69,4 (25)	30,5 (11)
Psicoestimulantes	27	55,5 (15)	44,5 (12)
Antidepressivos	26	88,4 (23)	11,6 (3)
Antipsicóticos	2	50,0 (1)	50,0 (1)
Total*	91	70,3 (64)	29,6 (27)

*Considerando que uma pessoa pode ter utilizado mais de uma classe dos psicofármacos, além de se tratar de respostas autorreferidas. **Fonte:** Palhares Morais MECR, et al., 2026.

Dos 48 usuários, 72,9% (n = 35) possuíam diagnóstico prévio de ansiedade, 37,5% (n = 18) de depressão, 10,4% (n = 5) de TDAH e 12,5% (n = 6) apresentavam outros transtornos, como transtorno bipolar. Alguns estudantes possuíam mais de um diagnóstico, de modo que a soma das categorias ultrapassa o total de usuários de psicofármacos, conforme detalhado na **Tabela 3**. Observou-se que os psicoestimulantes foram predominantemente utilizados por alunos com diagnóstico de TDAH, enquanto ansiolíticos e antidepressivos foram utilizados tanto por estudantes com diagnóstico prévio quanto por aqueles que se automedicaram sem prescrição médica.

Tabela 3 - Condições clínicas relatadas pelos estudantes com diagnóstico prévio (n = 64), cursinho do ENEM, Goiânia-GO, 2025/1.

Diagnóstico	n	% do Total
Ansiedade	35	54,7
Depressão	18	28,1
TDAH	5	7,8
*Outros	6	9,4
Total	64	100

Legenda: Considerando que alguns alunos apresentaram mais de um diagnóstico.
***Outros:** Transtorno bipolar e insônia
Fonte: Palhares Morais MECR, et al., 2026.

Quanto aos efeitos adversos, 13,2% dos usuários (n = 6) relataram reações indesejadas, sendo que alguns haviam utilizado mais de uma classe de medicamento. A taquicardia foi o efeito mais prevalente, registrada em psicoestimulantes (n = 4), ansiolíticos (n = 3) e antidepressivos (n = 3).

Adicionalmente, entre os usuários de psicoestimulantes, foram relatados perda de apetite (n = 1) e insônia (n = 2), enquanto nos ansiolíticos ocorreram náuseas e vômitos (n = 3). Nenhum efeito adverso foi registrado entre os usuários de antipsicóticos. A **Tabela 4** apresenta a distribuição detalhada desses efeitos, e nenhum evento adverso grave, como hospitalização ou desmaios, foi relatado pelos participantes.

Tabela 4 - Efeitos adversos dos psicofármacos relatados pelos estudantes que fazem uso de psicofármacos (n=91), cursinho do ENEM, Goiânia-GO, 2025/1.

Classe de medicamentos	Efeitos adversos relatados	n	% total
Psicoestimulantes	Taquicardia, perda de apetite e insônia	(6)	6,6%
Ansiolíticos	Náuseas, vômitos e taquicardia	(5)	5,5%
Antidepressivos	Taquicardia	(3)	3,3%

Obs: Considerando que uma pessoa utilizou mais de uma classe dos psicofármacos, por isso se repetem alguns efeitos adversos, além de se tratar de respostas autorreferidas.
Fonte: Palhares Morais MECR, et al., 2026.

Entre outros resultados não contemplados em tabelas, mas abrangidos no questionário, observou-se que a maior parte dos estudantes (73,4%; 69/94) tinha como principal objetivo ingressar no curso de Medicina. Além disso, identificou- se que um dos motivos relatados para o uso de psicofármacos foi a busca por melhora do desempenho cognitivo, especialmente no que diz respeito ao aumento da concentração durante os estudos.

Observou-se que grande parte dos estudantes que utilizava psicofármacos relatou consumo contínuo por períodos superiores a três meses, especialmente entre aqueles com diagnóstico prévio de ansiedade ou depressão. Também se constatou que muitos obtinham os medicamentos por meio de prescrições antigas ou por acesso facilitado a estoques familiares, evidenciando o fácil acesso a essas substâncias.

Outro ponto importante foi que alguns participantes relataram necessidade de aumento gradual das doses, principalmente no uso de psicoestimulantes, na tentativa de manter concentração e desempenho acadêmico, indicando um padrão de uso potencialmente problemático.

DISCUSSÃO

Os achados deste estudo indicam que a automedicação com psicofármacos entre estudantes de cursinhos preparatórios para o ENEM em Goiânia-GO é uma prática relevante, apresentando diferenças marcantes de perfil sociodemográfico. A análise por sexo mostrou que, apesar da média de idade ser semelhante entre homens e mulheres, o uso de psicofármacos foi mais prevalente entre o sexo feminino, representando a maioria dos usuários.

Esse padrão acompanha achados de revisões sistemáticas internacionais, que apontam maior consumo de ansiolíticos e antidepressivos entre mulheres jovens, reflexo de maior vulnerabilidade a sintomas ansiosos e depressivos e da maior procura por cuidados de saúde (SJÖBERG RL, et al., 2021).

Esses fatores contribuem para que estratégias medicamentosas sejam mais frequentemente utilizadas como forma de manejo emocional. Essa maior prevalência pode estar relacionada a fatores como maior busca por cuidados de saúde, maior expressão emocional e maior vulnerabilidade aos transtornos ansiosos, aspectos frequentemente discutidos na literatura sobre saúde mental feminina. Além disso, estudos indicam que mulheres tendem a relatar mais sintomas emocionais, o que pode influenciar a busca por estratégias medicamentosas como forma de alívio rápido.

A análise do perfil socioeconômico da amostra revela que a maior parte dos estudantes apresenta níveis elevados de conhecimento sobre os medicamentos utilizados, contudo, esse conhecimento não se traduziu necessariamente em práticas seguras de uso. Aproximadamente 90,8% dos participantes demonstraram alto nível de compreensão sobre os fármacos, reforçando que informação não equivale automaticamente a comportamento racional frente à automedicação.

Esse padrão tem sido observado em outros estudos envolvendo populações jovens e estudantes de alta competitividade, demonstrando que a automedicação não se sustenta primariamente pela falta de conhecimento, mas sim pela percepção de benefício imediato, reforço social e sensação de controle sobre o próprio rendimento cognitivo (SILVA RL, et al., 2022).

Assim, mesmo cientes dos riscos, muitos estudantes tendem a interpretar os psicofármacos como uma “estratégia” para lidar com demandas intensas de estudo e necessidade de desempenho, especialmente quando consideram o medicamento como instrumento temporário e sob seu próprio controle. Esse comportamento sugere que fatores psicológicos e sociais têm peso significativo nas decisões relacionadas ao uso de medicamentos controlados. Além disso, o ambiente de cursinhos, marcado por competição e cobrança, favorece a normalização do uso de substâncias como forma de adaptação.

No que diz respeito às classes de psicofármacos, os ansiolíticos se destacaram como os mais utilizados, seguidos pelos antidepressivos e psicoestimulantes. Estudos nacionais mostram que esse padrão acompanha uma tendência crescente no consumo de antidepressivos e ansiolíticos entre jovens e adultos, conforme demonstrado por revisão sistemática e meta-análise recente que identificou aumento contínuo do uso dessas classes farmacológicas no país (ALMEIDA MC, et al., 2023).

O ambiente competitivo e de alta pressão, característico dos cursos preparatórios para vestibulares, parece favorecer o consumo dessas substâncias sem acompanhamento médico, como tentativa de aliviar sintomas emocionais ou otimizar o desempenho acadêmico. Além disso, relatos informais de estudantes sugerem que muitos obtêm esses medicamentos através de familiares, amigos próximos ou por sobras de prescrições antigas, tornando o acesso ainda mais facilitado. Esse cenário contribui para a banalização do uso desses fármacos, especialmente quando percebidos como de baixo risco.

Quanto aos diagnósticos relatados, a ansiedade foi o transtorno mais frequente entre os usuários, seguida por depressão e TDAH. Esse perfil está alinhado com estudos que descrevem aumento significativo de sintomas emocionais entre adolescentes e jovens adultos, especialmente ansiedade e depressão, condições que frequentemente motivam o uso de psicofármacos sem acompanhamento adequado (OLFSON M, et al., 2020).

A sobreposição entre sofrimento psíquico e automedicação reforça a necessidade de suporte emocional e educacional para reduzir a dependência de soluções medicamentosas imediatas. Estudos populacionais recentes também demonstram aumento expressivo de indicadores de transtornos de humor entre jovens, reforçando a relevância dos achados desta pesquisa. Uma análise nacional norte-americana identificou elevação consistente de sintomas depressivos e ansiosos em adolescentes e jovens adultos, corroborando a elevada frequência de queixas emocionais observada na presente amostra (TWENGE JM, et al., 2019). Esse cenário evidencia a vulnerabilidade emocional desse grupo e sua tendência a buscar soluções rápidas para aliviar sintomas, incluindo o uso inadequado de psicofármacos. Além disso, a presença de sintomas como ansiedade e insônia, muito comuns nessa população, favorece buscas por alternativas rápidas, ainda que inadequadas.

A análise do curso pretendido pelos participantes revelou que a maioria almeja ingressar em Medicina, evidenciando que estudantes de áreas de alta competitividade podem apresentar maior propensão ao uso de psicofármacos sem prescrição. Tal comportamento também foi descrito em outras pesquisas, nas quais futuros profissionais de saúde relataram uso não prescrito de ansiolíticos e psicoestimulantes como estratégia para lidar com exigências acadêmicas e aumento da carga de estudos (ARAÚJO AF, et al., 2021). Isso revela uma contradição importante: mesmo estudantes que futuramente atuarão na promoção do uso racional de medicamentos são suscetíveis a práticas arriscadas durante sua trajetória formativa. Essa vivência pode, inclusive, influenciar percepções futuras sobre automedicação e manejo de fármacos.

Sobre possíveis limitações, é importante destacar que a pesquisa utiliza um método próprio, sem validação científica, e a participação foi totalmente voluntária, o que possibilitou algumas perdas de dados da população coletada. Além disso, o caráter autorrelatado pode gerar vieses de memória ou subnotificação, especialmente em temas sensíveis como uso de psicofármacos. A ausência de acompanhamento longitudinal também impede avaliar o impacto a longo prazo dessas práticas.

Para que novas pesquisas sejam feitas sobre o mesmo público ou tema, é necessário criar um método de pesquisa validado, a fim de garantir a coleta de dados de maneira mais acurada e replicável. Também é fundamental sensibilizar a população estudada sobre os benefícios de participar de pesquisas dessa natureza, contribuindo para ações de saúde pública, produção científica local e conscientização individual sobre consequências da prática de automedicação. Programas educativos desenvolvidos em parceria com instituições de ensino podem ser estratégias eficazes nesse sentido.

Em suma, os resultados evidenciam que a combinação de fatores sociodemográficos (sexo feminino, faixa etária de 18 a 24 anos), classes de medicamentos utilizadas (ansiolíticos e antidepressivos) e diagnósticos prévios (ansiedade, depressão e TDAH) configura um perfil de risco específico para automedicação entre estudantes pré-vestibulandos. Esses dados reforçam a necessidade de estratégias educativas e políticas públicas que promovam o uso racional de psicofármacos, principalmente em populações jovens submetidas a elevada pressão acadêmica. Além disso, ressalta-se a urgência de ampliar o acesso a suporte emocional, psicológico e educacional, reduzindo a dependência de soluções farmacológicas e promovendo ambientes de estudo mais saudáveis e equilibrados. A articulação entre escolas, cursinhos, famílias e serviços de saúde é essencial para construir redes de apoio capazes de prevenir o uso inadequado de psicotrópicos e promover práticas de autocuidado mais seguras e sustentáveis.

CONCLUSÃO

A análise dos dados coletados evidencia um cenário preocupante e pouco explorado: a automedicação com psicofármacos entre estudantes de cursinhos preparatórios para o ENEM em Goiânia-GO. Observou-se maior prevalência entre estudantes do sexo feminino, com idade entre 18 e 24 anos, e que pretendem ingressar em cursos da área da saúde, especialmente Medicina. As classes de psicofármacos mais utilizadas foram os ansiolíticos e psicoestimulantes, frequentemente usados como uma solução para lidar com a pressão e o ambiente competitivo. O diagnóstico prévio mais frequente foi o de ansiedade, refletindo a vulnerabilidade emocional desses jovens. Entre os efeitos adversos mais relatados destacam-se

taquicardia, inapetência e insônia, reforçando os riscos do uso indiscriminado desses medicamentos. Embora a maioria demonstre conhecimento sobre os perigos da automedicação, a prática persiste de forma não supervisionada, indicando que informação isolada não garante comportamento seguro. Esses achados destacam a urgência de estratégias educativas de conscientização voltadas ao uso racional de psicofármacos, visando à proteção da saúde física e mental de jovens em ambientes acadêmicos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à direção e equipe do cursinho preparatório para o ENEM em Goiânia-GO pela autorização e apoio na realização desta pesquisa. Expressamos nossa profunda gratidão aos estudantes que participaram voluntariamente do estudo, tornando possível a coleta dos dados e a análise dos resultados.

REFERÊNCIAS

1. ABREU VSM, et al. Risk factors for Central Nervous System drug use among nursing students. Revista Brasileira de Enfermagem, 2022; 75(4).
2. ALGARNI M, HADI MA, YAHYOUCHE A, et al. A mixed-methods systematic review of the prevalence, reasons, associated harms and risk-reduction interventions of over-the-counter (OTC) medicines misuse, abuse and dependence in adults. J Pharm Policy Pract., 2021 Sep 13; 14(1): 76.
3. ALMEIDA MC, et al. Prevalence of antidepressant use in Brazil: a systematic review and meta-analysis. Journal of Affective Disorders, 2023.
4. ARAÚJO AF, et al. Automedicação de psicofármacos entre estudantes universitários de odontologia e medicina. Revista Internacional de Educação Superior, 2021; 7: 1-19.
5. BATISTA JA, et al. Automedicação e Saúde Pública: dimensionamento dos fatores de risco e comportamentos de saúde / Self-medication and Public Health: a study of risk factors and health-related behavior. Saúde e Pesquisa, 2021; 14(1): 9370.
6. Conselho Federal de Farmácia (CFF) – BRASIL. Uso de Medicamentos – Relatório final. 2022. Disponível em: https://www.cff.org.br/userfiles/file/Uso%2520de%2520Medicamentos%2520-%2520Relat%C3%B3rio%2520_final.pdf
7. CORRELL CU. Antipsychotic agent side effects: Comprehensive review. JAMA Psychiatry, 2020; 77(3): 342–351.
8. DE MORAES FM, et al. Associação de estresse ocupacional e uso de psicotrópicos por docentes da área da saúde. Revista Brasileira em Promoção da Saúde, 2019; 32.
9. DOMINGUES PH, et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos residentes no Distrito Federal, Brasil: estudo transversal de base populacional. Epidemiologia e Serviços de Saúde, 2017; 26(2): 319-330.
10. ESPAD. ESPAD Report 2019: Results from the European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs. Publications Office of the European Union, 2020.
11. GARCIA AL, et al. Self-medication and adherence to drug treatment: assessment of participants of the Universidade do Envelhecer (the University of Aging) program. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 2018; 21(6).
12. GOODMAN & GILMAN. The Pharmacological Basis of Therapeutics. 13th ed. New York: McGraw-Hill; 2018.
13. HILAL-DANDAN R, BRUNTON L. Manual de farmacologia e terapêutica de Goodman & Gilman. 2. ed. Porto Alegre: Grupo A; 2015. cap. 15.
14. IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde 2019: Percepção do estado de saúde, estilos de vida e doenças crônicas. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2020.
15. MARS B, et al. Antidepressant prescribing and suicide risk in young people. The Lancet Psychiatry, 2018; 5(8): 593–595.

16. MORGAN HL, et al. Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: prevalência, motivação e efeitos percebidos. Revista Brasileira de Educação Médica, 2017; 41(1): 102-109.
17. NASARIO BR, MATOS MPP. Uso não prescrito de metilfenidato e desempenho acadêmico de estudantes de medicina. Psicologia Ciência e Profissão, 2022; 42.
18. National Institute for Health and Care Excellence (NICE). Generalised anxiety disorder and panic disorder in adults: management. 2020.
19. OLFSON M, et al. Trends in mental health symptoms and service use among adolescents and young adults. JAMA Psychiatry, 2020.
20. PASCOE MC, HETRICK SE, PARKER AG. The impact of stress on students in higher education: a systematic review. Int J Adolesc Youth, 2020; 25(1): 104–112.
21. SANTOS GF, et al. Uso não prescrito de estimulantes entre estudantes brasileiros: revisão e análise epidemiológica. Revista Brasileira de Epidemiologia, 2021; 24(1).
22. SCHULENBERG JE, et al. Monitoring the Future national survey results on drug use, 1975–2020: Volume I, Secondary school students. Institute for Social Research, University of Michigan; 2020.
23. SILVA RL, et al. Automedicação com psicotrópicos e fatores associados em estudantes pré-vestibulandos. Revista Brasileira de Educação Médica, 2022; 46(4): 1-7.
24. SJÖBERG RL, et al. Gender differences in psychotropic drug use among adolescents: a systematic review. Journal of Affective Disorders, 2021.
25. TWENGE JM, et al. Age, period, and cohort trends in mood disorder indicators among adolescents and young adults. Journal of Abnormal Psychology, 2019.
26. WHO – World Health Organization. Benzodiazepine dependence: public health challenges. 2019.
27. WILENS TE, et al. Nonmedical prescription stimulant use in college students: a comprehensive review and meta-analysis. Drug Alcohol Depend., 2018; 187: 196–206.